

A menina sem nome: um espaço de comunicação folk

José Xavier dos Santos
Universidade Federal Rural de Pernambuco
jjxxss@uol.com.br
Brasil

RESUMO: Na cidade do Recife, no Cemitério de Santo Amaro, fundado em 1851, o mais tradicional da capital do Estado de Pernambuco, um túmulo se destaca pelo grande número de devotos que o visitam às segundas e sextas-feiras, durante todo ano, e em especial, no período de finados. Neste espaço de devoção popular, encontra-se sepultada “a menina sem nome” que, de acordo com a narrativa popular, ao ser abandonada, violentada e morta tragicamente se transformou em uma “santa” de culto popular. O objetivo deste trabalho é analisar os elementos comunicacionais (ex-votos) que compõem este cenário gerador da cultura folk. O paradigma teórico que norteará este estudo é a teoria da folkcomunicação criada pelo professor Luiz Beltrão.

No Cemitério de Santo Amaro, em Recife, inaugurado em 3 de março de 1851, um túmulo se destaca entre os muitos outros pelo número de visitantes, especialmente nos finais de semana e no Dia de Finados. Nele está sepultada uma menina que há duas décadas foi encontrada por um pescador, estuprada e morta em uma praia urbana da cidade. À época, o fato foi noticiado na imprensa local como mais um caso de brutalidade dos que muitas vezes ensangüentam as páginas dos jornais.

Além da brutalidade do crime hediondo, um detalhe chamou ainda mais a atenção do povo: ninguém apareceu para reclamar o corpo da criança brutalmente assassinada. Apesar de o fato ter sido amplamente divulgado na imprensa, nenhuma família se apresentou, e a criança abandonada, cujo nome não se conhece, foi sepultada, como indigente, numa cova comum.

Do fato à lenda e da lenda à devoção, não levou muito tempo. Sem que se saiba precisar exatamente quando, o túmulo começou a ser alvo da atenção da população e, com o passar do tempo, se transformou num verdadeiro espaço de devoção popular.

Um dos devotos informou que tudo começou quando, após dois anos do funeral, a Administração do Cemitério necessitou abrir a cova para outro sepultamento e o corpo da criança foi encontrado intacto, tal como havia sido sepultado. Um dos coveiros entrevistados não confirma o fato, o que não importa. A “menina sem nome” compõe o repertório das lendas urbanas do Recife, e assim vai permanecer no imaginário popular.

“Santa” da devoção popular, a “menina sem nome”, igual a tantos outros, integra a legião dos santos que, embora não tenham sido reconhecidos oficialmente pela Igreja Católica (muitos nunca o serão), foram popularmente canonizados e aceitos como verdadeiros protetores e, por isso

mesmo, considerados dignos de serem venerados e sua intercessão invocada nos momentos difíceis, para resolução de problemas cuja solução só se poderia conseguir através de uma graça celestial.

Uma ocorrência desta natureza não é tão somente do interesse da religiosidade popular, mas da folkcomunicação, nos moldes preconizados por Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918 – 1986), pioneiro na sistematização dos estudos de comunicação social no Brasil entre as camadas menos favorecidas da população - aquelas separadas das elites econômicas e intelectuais - que se utilizam dos meios tradicionais de comunicação social para troca de informações, idéias e opiniões, e os que estão à margem deste processo, a grande massa dos habitantes das zonas rurais e das periferias das cidades, os quais se valem de meios folk para se comunicar.

O interesse de Beltrão por aquele outro Brasil o levou a uma pesquisa de sete anos, cujas conclusões foram compiladas na sua tese de doutoramento defendida na Universidade de Brasília em 1967, da qual resultaram os elementos que o conduziram a formular a fundamentação teórica da Folkcomunicação, termo por ele empregado para designar os processos comunicacionais utilizados pelos grupos marginalizados - todos os que estão à margem do grande sistema de comunicação social -, seja porque não têm condições técnicas para utilização dos canais e meios a ele pertinentes, seja por “contestação à cultura e organização social estabelecida, em razão de adotarem filosofia e/ou política contraposta a idéias e práticas generalizadas da comunidade”. Do mesmo modo que os integrantes da população pertencente às camadas sociais economicamente mais confortáveis utilizam os meios do grande sistema de comunicação de massa para se informar, trocar idéias e opiniões, e assim “atender a sua necessidade vital de comunicação”, as populações desfavorecidas econômica e socialmente se utilizam dos meios oferecidos pela cultura popular e pelas manifestações folclóricas.

Folkcomunicação é, assim, segundo a concepção de Beltrão, “o processo de intercâmbio de informação e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, através dos agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”.

Diferentemente da comunicação de massa que se baseia em processos industriais, através dos quais o comunicador passa suas mensagens de forma impessoal em sentido vertical para uma audiência informe e dispersa, a folkcomunicação é, “por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal, já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à

audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa”.

É a partir desses conceitos, esboçados de forma bastante simplificada, que pretendemos elaborar uma possível análise dos elementos comunicacionais (ex-votos) encontrados no túmulo da “menina sem nome”.

Antes, porém, cabe observar que o espaço de devoção popular em que se transformou esse túmulo é, sem dúvida, o mais visitado do cemitério. O grande Campo Santo urbano conta com outros espaços que também recebem freqüentemente a visita de pessoas em atitude de oração e/ou devoção. Há um outro túmulo de uma criança, que também faleceu muito prematuramente, ao qual muitos visitantes acorrem, sobretudo no período de Finados. Existe ainda um espaço, a “casa das almas”, onde se podem observar pessoas em recolhimento de oração, acendendo velas. Contudo, em nenhum desses espaços de devoção popular pode-se verificar a quantidade e variedade de elementos deixados, em sinal de agradecimento ou de pedido de graça, num fluxo contínuo durante todo o ano.

O túmulo, diferentemente dos demais, foi arquitetonicamente adaptado para o tipo de atividade que se desenvolve ao seu redor. Inicialmente, muito provavelmente uma cova rasa, igual a tantas outras existentes que recebem os restos mortais de pessoas do povo; posteriormente, uma edificação destacada por uma pintura permanentemente renovada, em formato retangular, que compreende no seu interior uma lápide, igualmente retangular, de mármore branco, sobre a qual se ergue uma espécie de mesa de quatro pés, também de mármore, que funciona, juntamente com a lápide, como o espaço onde os devotos depositam suas “lembranças”. Ao lado do túmulo, foi construído um queimador de velas e todo o túmulo está circundado por uma área cimentada, suficiente para acomodar mais de uma dezena de pessoas por vez.

Apesar da boa vontade e dos esforços da Administração do Cemitério de Santo Amaro no sentido de tornar o túmulo da “menina sem nome” um espaço mais apropriado para melhor acolher o fluxo de visitantes ao longo do ano, a área disponível para o recolhimento dos ex-votos ainda parece insuficiente, visto que os elementos lá deixados vão sendo ciclicamente retirados e amontoados no solo, contra a parede do túmulo ao lado, para abrir espaço para os ex-votos que se renovam constantemente.

As “lembranças” que os devotos da “menina sem nome” depositam em seu túmulo são, claramente aquilo que Luiz Beltrão chamou de “linguagem e canais familiares à audiência”. Tais

ex-votos se distribuem em dois grandes grupos: a) os de comunicação escrita; e b) os de comunicação artesanal.

No primeiro grupo estão todos os tipos de lembranças impressas ou escritas a mão ou por outros meios mecânicos, notadamente a mimeografia e a impressão informatizada em jato-de-tinta ou a laser. Dentre elas, destaca-se uma oração padronizada, encontrada em grande quantidade, na qual o devoto alude ao enorme sofrimento que a “menina” sofreu em vida, faz uma súplica à “santa” para resolver um problema de ordem pessoal que também lhe está causando uma grande dor (que não é especificada: se moral ou física); pelo que o pedinte se compromete a rezar três padres-nossos, três ave-marias e três glória-ao-pai e reproduzir a mesma em trinta cópias e deixá-las no túmulo. Em menor número são encontradas comunicações de cunho mais pessoal, cartas com pedidos à “santa”, em forma de “promessa”, para que um problema, quase sempre amoroso, seja resolvido.

As fotos também pertencem ao gênero comunicação escrita: na última visita ao túmulo encontramos duas pequenas fotografias (três por quatro), com umas pequenas moedas ao lado, entendidas (fotos e moedas) como se tratando de agradecimentos - ou “pagamento” - por graças alcançadas.

Ainda desse mesmo tipo, destaca-se uma flâmula cujo título é: “Obrigado meu amor”, seguramente depositada por uma mulher, em agradecimento pelo fato de haver encontrado ou reconquistado o seu amor.

Os ex-votos também parecem estar relacionados a uma atividade específica que, por sua vez, está circunscrita a determinados períodos do ano. Em algumas visitas realizadas no mês de dezembro de 2001 que corresponde, no Brasil, ao final do ano escolar, o túmulo, especialmente a lápide, foi encontrado quase coberto de cadernos escolares deixados por estudantes do ensino fundamental e médio com dedicatória à “menina” pelo sucesso em algumas disciplinas aparentemente consideradas as mais difíceis pela população estudantil: matemática, língua portuguesa, física. Este é um fato que evidencia estar a devoção sendo constantemente renovada por um contingente de jovens fiéis e que, ao mesmo tempo demonstra que

Dentre os ex-votos denominados como de comunicação artesanal, salta à vista uma “lembrança” que impressiona pela quantidade e regularidade com que os visitantes a entregam à “menina sem nome”: a casa. Estão sempre depositadas pequenas reproduções artesanais que retratam a habitação popular do tipo comumente localizado nos bairros da periferia do Recife e

das cidades circunvizinhas: a pequena casinha de porta e janela, reproduzida em miniaturas de madeira, mármore, zinco, papelão, cerâmica, fórmica. Nas visitas de observação foi observada apenas uma única exceção, um exemplar de ex-voto que reproduzia um sobradinho suburbano de dois pavimentos, com algo que parecia ser uma pequeno jardim. Um estudo sociológico das condições de habitação das populações urbanas dessa região e, talvez, um relatório sobre o déficit habitacional nas grandes cidades brasileiras poderiam ser formulados a partir da análise da situação das pessoas que visitam o túmulo da “menina sem nome”.

Entre os elementos da chamada comunicação artesanal, têm destaque especial, pela quantidade e variedade a presença de flores artesanais, que cobrem literalmente a mesa de mármore sobre a lápide do túmulo. Ao lado dessas flores, também estão colocadas esculturas de imagens de anjos (o anjo, na religiosidade popular, é mensageiro e, ao mesmo tempo, protetor, o anjo-da-guarda). Ao lado do anjos, encontra-se também uma outra escultura, bastante insólita, a da boneca “chapeuzinho vermelho” do conto de fadas: uma clara alusão à condição infantil da “santa” e, ao mesmo tempo, indicadora de que se trata de uma mensagem do tipo “interpessoal” para uma “santa” menina.

Estranhamente, pelo que se pode inferir dos elementos de comunicação encontrados no túmulo da “menina sem nome”, a saúde não parece ser o problema mais premente na vida dos seus devotos. A dor que parece afligir mais agudamente os devotos dessa “santa” popular está preponderantemente relacionada com bens materiais, o que talvez não seja estranhável em face do público donde provém: apenas dois ex-votos referem-se às curas como graças alcançadas: um pé de madeira e um braço de gesso.

Referências bibliográficas

AZZI, Riolando. Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil, em *Religião e Sociedade*, 1, 1977, 125 – 149.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001

_____. *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez Editora, 1980.